

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
COM A LINHA DE SOMBRA  
17 DE JUNHO DE 2022

## PERDIDA MENTE / 2009

*um filme de* MARGARIDA GIL

**Realização e Argumento:** Margarida Gil / **Direcção de Fotografia:** Acácio de Almeida / **Montagem:** João Braz / **Som:** Olivier Blanc / **Assistente de Realização:** João Pinto Nogueira / **Anotação:** Ana Cabral Martins / **Montagem e Mistura de Som:** Miguel Cabral / **Cenografia e Guarda-Roupa:** Ana Paula Rocha / **Correcção de Cor:** Gonçalo Ferreira / **Interpretação:** José Airosa (Joaquim das Neves), Eunice Correia (Teresa), José Pinto (Malagueta), Cândido Ferreira, Cello, Mustafa El Moustarhafir, Manuel Wiborg, Rogério Vieira, Joaquina Chicau, José Wallenstein, Sílvia Carvalho, Maria do Céu Guerra, Ana Rita Variz, Joaquina Rosa Gonçalves, Alfredo Pinto.

**Produção:** Ambar Filmes (Portugal, 2009) / **Produtor:** Solveig Nordlund / **Direcção de Produção:** Joaquina Chicau / **Cópia:** Betacam Digital, cor, 63 minutos / **Prémio:** Melhor Argumento Internacional (Longa-Metragem) no New York International Independent Film and Video Festival 2010 / **Ante-estreia na Cinemateca:** 17 Junho de 2010, e seguintes exhibições a 13 de Setembro de 2010 no Ciclo “Medicina Narrativa” e a 24 de Julho de 2012, Ciclo “Um ano de Cinema Português”.

### NOTAS:

Esta “folha” parte de um texto originalmente escrito em 2010 por ocasião da exibição conjunta de PERDIDA MENTE com ESPELHO LENTO, de Solveig Nordlund.

O filme de Margarida Gil é apresentado com MONANGAMBÉ de Sarah Maldoror (“folha” distribuída em separado).

com a presença de Margarida Gil, Ana Isabel Soares e Maria do Carmo Piçarra

---

É de esquecimento e de memória, ou mais concretamente das falhas desta última, que trata **Perdida Mente**, longa-metragem realizada por Margarida Gil em 2009. Em **Perdida Mente**, a cineasta filma um homem para quem o mundo deixa repentinamente de fazer sentido. “*O que sente alguém que vê fugir-lhe a memória do passado, presente e futuro, os rostos dos seus queridos a desaparecer, a lógica das coisas a esfumar-se, os nomes que se apagam?*”. Esta é uma interrogação formulada

numa nota introdutória ao filme, e é esta mesma pergunta que a realizadora procurará responder ao filmar um tempo de progressivo esquecimento, que corresponde ao enfraquecimento das ligações do seu protagonista com o mundo que o rodeia.

A personagem de **Perdida Mente** que é submetida a tal calvário é Joaquim (José Airosa), um modesto padeiro que um dia coloca as botas no forno de pão e acaba por ser despedido. Um episódio que, na sua explícita citação, é uma alusão directa a **Quem Espera por Sapatos de Defunto Morre Descalço** (1970), filme de João César Monteiro, cujo percurso esteve indissociavelmente ligado ao de Margarida Gil, que muito colaborou nos seus filmes (e vice-versa).

À narrativa fragmentada de Joaquim, cujos estilhaços de memórias passadas contribuem para a confusão geral, corresponderá a estrutura elíptica e fragmentada de **Perdida Mente**. Quem é Joaquim? Qual a sua relação com a jovem rapariga? Qual a razão de tantas inscrições nas paredes? O que no início permanece uma incógnita, torna-se progressivamente mais claro para o espectador que, face à desordem geral, percorre necessariamente um caminho inverso ao da própria personagem. As palavras de Guimarães Rosa, citadas de *Grande Sertão: Veredas*, parecem querer introduzir alguma ordem neste mundo profundamente desordenado em que as palavras deixam de ter sentido face às coisas, mas em que os sons da terra (ou as botas do protagonista) parecem ganhar um papel primordial.

Símbolos de um afastamento de um mundo quotidiano real face aos mundos privados de cada um (sublinhados pela imagiologia), que muito sofrimento arrasta. Em **Perdida Mente**, a exuberância da paisagem exterior, admiravelmente fotografada por Acácio de Almeida, sublinha o desvio da paisagem interior de Joaquim e o progressivo sofrimento deste e da sua filha, em duas excelentes interpretações de José Airosa e Eunice Correia (Teresa), secundados por José Pinto. É num mundo solar que Margarida Gil desenha com subtileza o seu destino, inevitavelmente condenado.

Joana Ascensão